

DESLOCAMENTO METONÍMICO NO ALÇAMENTO ARGUMENTAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva *

Heliana Mello **

Considerações iniciais

Há bem tempo, vem-se reconhecendo a atuação de fatores de natureza metafórica e metonímica no uso cotidiano das línguas naturais. No clássico *Metaphors We live by*, Lakoff e Johnson (1980) procuraram demonstrar, inclusive, que as metáforas e outras “figuras” convencionalmente presentes na linguagem espontânea são evidências de uma estruturação em parte metafórica do próprio sistema conceitual. Assim, por exemplo, expressões corriqueiras como *gastar tempo*, *poupar / economizar tempo*, *desperdiçar tempo* etc. refletiriam uma das perspectivas em que a noção abstrata de tempo é concebida em nossa cultura. Subjacente a essas expressões estaria a metáfora conceitual TEMPO É DINHEIRO. A proposta de Lakoff e Johnson (1980), posteriormente ampliada por Lakoff (1993), sugere que elementos de um domínio conceitual mais abstrato são estruturados a partir de um domínio conceitual que diz respeito a elementos “mais concretos”. Assim, o domínio conceitual DINHEIRO

* Professora Associada, UFMG

** Professora Associada, UFMG

seria fonte para o domínio meta TEMPO. As relações entre tais domínios se estabeleceriam através de projeções e mapeamentos inter-domínios. Dessa forma, uma metáfora conceitual mais ampla se manifestaria, linguisticamente, através de ocorrências do tipo: *Não quero gastar mais nem um minuto com esse assunto, O tempo perdido é irrecuperável, Vamos ganhar tempo nos correspondendo por email, etc.*

Os processos metonímicos, tanto quanto os metafóricos, têm natureza conceitual, podendo se manifestar em diferentes níveis, o que resulta em efeitos de organização de conteúdo conceitual no léxico, interação com a estrutura gramatical e na compreensão do sentido pragmático (cf. Panther & Thornburg, 2004). Efeitos metonímicos podem ser observados nos seguintes exemplos, em que a construção de sentido resulta de inferências pragmáticas, associando um domínio conceitual a outro, através da relação de pertinência e foco: *O sanduíche de atum quer mais um suco, O Pentágono decretou estado de alerta, O arroz sumiu do mercado, etc.*

A atuação de princípios metafóricos e metonímicos na organização sintática tem sido demonstrada, dentre outros, por Heine et alii (1991), Cabrera (1998) e, dentre nós, por Saraiva e Bittencourt (1990). Referindo-se a casos do português oral e escrito, como os abaixo registrados,¹

- (1) O laudo dos *médicos deram* que ele morreu de enfarte. (L. O.)
- (2) Neste supermercado, a venda de *bebidas alcançaram* mais de CZ\$100.000,00. (L. O.)
- (3) Este acervo de *livros estão* a merecer maiores cuidados. (L. E.)

as autoras procuraram explicar a concordância verbal (CV) com o SN mais próximo na cadeia linear (nesses casos de SNs complexos) com base em processos de deslocamentos metonímicos.² Segundo Saraiva e

¹ A numeração destes exemplos e a de outros a serem apresentados mais à frente não obedece à dos textos originais.

² As autoras defendem também a atuação da metáfora conceitual PROXIMIDADE É FORÇA DE EFEITO (Cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980) nessas construções. Tal aspecto não será explorado neste texto.

Bittencourt, embora o tipo de CV que se verifica em (1) a (3) não esteja em conformidade com as normas preestabelecidas pelas gramáticas escolares, é um uso muito freqüente, principalmente na língua oral, o qual tem uma função na comunicação diferente daquela do uso padrão. Ou seja: tal regra tem como efeito o deslocamento, metonimicamente motivado, do foco de interesse e atenção do elemento nuclear na cadeia sintagmática para o elemento periférico nessa cadeia. Em (1), por exemplo, há a “valorização” e ênfase do constituinte “os médicos”, modificador do SN complexo, e obscurecimento da importância do núcleo “o laudo”, como conseqüência do recurso formal da CV. Do ponto de vista da comunicação efetuada, portanto, os médicos têm uma saliência, uma importância muito maior que o laudo assinado, o qual, em última instância, é da responsabilidade deles. Já com a concordância padrão, o maior destaque seria dado ao item “laudo”, ficando “os médicos” em segundo plano, em conformidade com sua estruturação sintática periférica.

Assim, em trabalhos orientados por modelos de natureza cognitivo-funcional, como bem nos lembra Givón (1995), um dos princípios básicos compartilhados diz respeito à não-autonomia da gramática em relação a outros processos de conceitualização. Diferentemente de modelos formalistas, os primeiros enfatizam que a linguagem é uma atividade sócio-cultural e cognitiva e, portanto, a gramática de uma língua não é “cega” para as funções comunicativas e cognitivas. Ao contrário, ela está a serviço dessas funções, manifestando em sua organização processos cognitivos mais gerais, como perspectivação figura-fundo, estruturação gestáltica, dinâmica de forças, dentre outros.³

Um outro caso que ilustra adequadamente essa posição, como se sabe, é fornecido por Du Bois (1985; 2003), ao tratar da noção de Estrutura Argumental Preferida (EAP). Revelando um padrão gramatical de preferência de uso (nas várias línguas investigadas)⁴ de um só SN lexical pleno por oração, e nas posições argumentais nucleares de *S* (sujeito

³ Essa afirmação não implica a adoção de um princípio de “iconicidade ingênua”, que se dá em 100% dos casos, como advertido por Givón (1995).

⁴ Algumas das línguas investigadas com relação à EAP foram: sacapulteco, inglês, português do Brasil, francês, espanhol, japonês etc. (Cf. DU BOIS, 2003, p.62-70).

de verbo intransitivo) ou *O* (objeto de verbos transitivos ou bitransitivos), o autor comenta:

*O que encontramos foi que onde há um padrão fundamental na estrutura gramatical, há uma grande chance de encontramos também, padrões não idênticos, mas paralelos, na função discursiva.*⁵

O paralelo que se apresenta no caso em questão é a tendência a se reservar estas posições estruturais para a introdução de novos referentes no discurso, evitando explorar a posição de *A* (sujeito de verbos transitivos ou bitransitivos) para esse fim.

Essa correspondência de padrão gramatical e padrão discursivo-pragmático, no texto de Du Bois (2003), é ainda explicada em termos do processamento cognitivo. Afirmando que “[...] a estruturação sintática interna a uma oração tem conseqüências muito precisas em relação ao processamento cognitivo de informações lexicais”⁶, Du Bois advoga que a introdução de novos referentes no discurso é uma tarefa cognitivamente “mais pesada” que o rastreamento de referentes já introduzidos e, portanto, acessíveis. Daí a relação observada entre as restrições de *quantidade* – um só SN lexical *novo* por oração – e de *função* – *S* ou *O* como as posições preferidas para a introdução de novo referente. Citamos, novamente, as palavras de Du Bois:⁷

⁵ What we have found is that wherever there is fundamental patterning in grammatical structure, we are likely to discover parallel, yet not identical, fundamental patterning in discourse function. Du Bois (2003, p.49-50).

⁶ “[...] the internal syntactic structuring of the clause has precise consequences for the cognitive processing of lexical information”. Du Bois (2003, p. 75).

⁷ We can surmise that general cognitive limitations on information processing amount to an overall constraint on the quantity of new information that can be handled with a single processing unit. What the Role constraints add to this picture is a predictable locus for the heaviest cognitive demands. By segregating high-demand tasks from low-demand tasks and confining the former to a distinct, specified locus within the argument structure, users of grammar are given a predictive advantage as to where they should direct their limited attentioned resources. Du Bois (2003, p.70-71).

Podemos inferir que limitações cognitivas gerais ligadas ao processamento de informação impactam a quantidade de informação nova que pode ser processada por uma única unidade de processamento. O que a Restrição de Papéis adiciona a esse cenário é um lugar previsível para as exigências cognitivas mais pesadas. Através da segregação das tarefas de altas exigências cognitivas daquelas de menor demanda, via confinamento das primeiras a um local específico na estrutura argumental, os usuários de uma gramática usufruem de uma vantagem previsível em relação àqueles elementos aos quais devem direcionar seus recursos atencionais.

O presente texto, seguindo a trilha de trabalhos como os acima mencionados, tem por objetivo reexaminar um tipo de construção emergente no português coloquial, que também diz respeito a questões de estrutura argumental e aos argumentos nucleares sujeito e objeto, com vistas a explicá-lo à luz da atuação de princípios de natureza cognitivo-funcional, mais especificamente, de natureza metonímica. Trata-se das construções abaixo exemplificadas, anteriormente analisadas por Pontes (1987) sob outro viés teórico:⁸

- (4) A Belina deita o banco, sabe?
- (5) O meu carro furou o pneu.
- (6) O Carlos André cresceu o nariz.
- (7) O jasmim amarelou as pontas.

Em *O tópico no português do Brasil*, Eunice Pontes chama a atenção para o uso freqüente de enunciados como esses no português coloquial, defendendo a posição de que, em (4) a (7), temos estruturas de tópico-comentário em vias de gramaticalização, ou seja, sendo reanalisadas como construções S-V-O, em conformidade com o padrão tipológico do português.

⁸ Os dados de (4) a (7) recebem, respectivamente, a seguinte numeração em Pontes (1987): (86), (88), (89) e (91).

Como evidências a favor dessa análise, a lingüista aponta que a concordância verbal se faz com o primeiro SN e não com o segundo, interpretado como objeto, haja vista, por exemplo, a agramaticalidade de frases como:

(8) *Meu carro furaram os pneus.⁹

(9) *O Carlos André cresceram os pés.

Além disso, seria igualmente estranha a anteposição do segundo SN ao verbo, o que, segundo Pontes, reforça seu caráter de objeto:¹⁰

(10) ?A Belina o banco deita

(11) *O jasmim as pontas amarelou (-aram?)

A autora destaca, ainda, a inadequação de uma análise que procurasse gerar as frases de (4) a (7) a partir das estruturas intransitivas enumeradas em (12) a (15):¹¹

(12) O banco da Belina deita.

(13) O pneu do meu carro furou.

(14) O nariz do Carlos André cresceu.

(15) As pontas do jasmim amarelaram.

⁹ Dados sem numeração no texto original.

¹⁰ (10) e (11) recebem, respectivamente, os números (96) e (98) em Pontes (1987). Esses enunciados devem ser interpretados sem pausa terminal após o primeiro SN, dessa forma criando dois tópicos não ligados e de difícil interpretabilidade, como já previsto por Du Bois.

¹¹ A expressão “estrutura intransitiva” está sendo usada na acepção tradicional. A respeito das construções de (12) a (15), pode-se afirmar que são de uso mais geral no português, abrangendo registros tanto formais quanto informais. Já os casos de (4) a (7) são freqüentes no português coloquial.

Pontes (1987, p.35) argumenta: “Não me parece que haja equivalência semântica entre as frases e muito menos que elas possam ser substituídas no mesmo contexto, dizendo a mesma coisa. Elas não são sinônimas [...]”

Embora Pontes não tenha se detido nas diferenças de interpretação mencionadas, concordamos com a perspectiva de que aos enunciados de (4) a (7) correspondem interpretações diferentes daquelas dos enunciados de (12) a (15). Em outros termos, informacionalmente elas não se equivalem.

Assim, podemos imaginar que quando um falante opta por dizer “O banco da Belina deita”, o assunto em discussão são as características de um automóvel chamado Belina. Já a ocorrência de “A Belina deita o banco” nos remete a um contexto discursivo em que a discussão gera em torno de automóveis cujos bancos podem ser deitados. Por exemplo: dois falantes conversam sobre automóveis e um pergunta para o outro: “Por que você comprou uma Belina e não um Opala?”. A resposta poderia ser: “A Belina deita o banco e fica mais fácil para os meninos saírem do carro. O Opala tem que abrir a porta de trás e é menos seguro.” Portanto, os falantes “escolhem”, dentre as construções disponíveis, aquelas que melhor atendam aos seus objetivos na comunicação.

A seguir, pretendemos explorar um pouco mais as especificidades dessas construções, apresentando nossa análise com base na atuação de princípios de natureza metonímica, conforme acima comentado.

Efeitos da metonímia conceitual na estruturação gramatical

Inicialmente, gostaríamos de partir de uma concepção tanto de metáfora quanto de metonímia segundo a qual ambas as operações representam diferentes ângulos de visão de um mesmo processo. Dentre outros, esse pensamento está presente, por exemplo, nos trabalhos de Lucas (1986), Cabrera (1998) e de Saraiva e Bittencourt (1990). Conforme asseverado por essas últimas, para ilustrar tal concepção, podemos recorrer à imagem de uma câmera cinematográfica num processo de filmagem. Se, na atuação da câmera, o aspecto focalizado for o processo

em andamento, num eixo sintagmático, em que a movimentação cria um jogo de iluminação de algumas partes e obscurecimento de outras, deixando entrever, contudo, “as relações que se estabelecem entre elas ao longo desses deslocamentos de foco, estamos diante de uma metonímia” Saraiva & Bittencourt (1990, p.107). Por outro lado, se o foco recai sobre uma cena, um determinado ponto do processo, apresentado paradigmaticamente em *close* na tela, ponto esse que capta inteiramente nossa atenção, estaremos diante de uma metáfora. Nesse caso, a relação entre os elementos pertinentes, termo comparador (domínio fonte) e termo comparado (domínio meta), já não é transparente.

Ainda Heine et alii (1991) argumentam a favor da interação entre metáfora e metonímia, considerando-as pólos diferentes de um mesmo processo, como se verifica nesta passagem:¹² “[...] ao invés de comporem atividades cognitivas mutuamente exclusivas, tanto a metáfora quanto a metonímia estão ambas presentes no desenvolvimento de categorias gramaticais; elas formam aspectos complementares desse processo.”¹³

Detendo-nos, a seguir, nos deslocamentos metonímicos, convém citar a seguinte afirmação de Lopes (1986, p. 23):

[a metonímia é] uma figura que afeta a contigüidade das combinações que formam sintagmas mais ou menos cristalizados, memorizados em bloco na competência dos falantes; ou ainda, é a figura que ocorre em tais formações como uma troca de termos contíguos, A e B, quando se constrói um contexto em que estava programado para aparecer A, mas em seu lugar aparece o seu contíguo, B.

Cabrera (1998, p.217) também destaca que a contigüidade é o princípio condutor dos deslocamentos metonímicos, pensamento esse re-

¹² Um argumento semelhante é apresentado por Radden (2000).

¹³ “[...] rather than forming mutually exclusive cognitive activities, metaphor and metonymy are both present in the development of grammatical categories; they form complementary aspects of this process”. Heine et alii (1991, p.181). No texto em tela, a principal preocupação dos autores se volta para a atuação de processos metonímicos e metafóricos na gramaticalização. Todavia, aqui nos interessa a concepção acima citada, por caminhar na direção do nosso pensamento.

corrente entre aqueles que se interessam pelas bases conceptuais da metonímia e sua manifestação nas construções gramaticais.

Dentre os lingüistas brasileiros, ainda merece menção o trabalho de Martelotta et alii (1996), que caracteriza como metonímica a mudança sofrida por uma determinada forma em razão de seu uso em um contexto lingüístico (e pragmático) específico. Comentam os autores:

Um dos mecanismos ligados ao processo cognitivo da metonímia é a reanálise. Trata-se de um mecanismo que atua no eixo sintagmático, caracterizando-se por uma reorganização da estrutura do enunciado, e uma reinterpretção dos elementos que o compõem.¹⁴

A noção de metonímia por nós adotada inspira-se na proposta de Barcelona (2002, p.246), na qual uma visão de organização esquemática do processo cognitivo envolvido se aplica. Em outras palavras, para Barcelona (2002), a metonímia é um mapeamento de um domínio cognitivo (fonte) para outro domínio cognitivo (meta). A fonte e a meta pertencem ao mesmo domínio funcional e são conectadas por uma função pragmática. Ainda de acordo com Barcelona, o domínio fonte impõe uma perspectiva ao domínio meta. A ativação do domínio meta se dá através de uma ligação experiencial, o que nos remeteria à noção de *Frame* proposta por Fillmore (1976) ou aquela de *Modelo Cognitivo Idealizado* proposta por Lakoff (1987). Voltando aos dados apresentados, as considerações acima vão-nos fornecer subsídio para analisá-los. Observe-se que, nas construções de (12) a (15), a posição de sujeito é ocupada por sintagmas “mais ou menos cristalizados”, enraizados em bloco no sistema lingüístico dos falantes do português. Esses constituintes poderiam ser representados pela fórmula “X de Y”, em que X é a posse/parte e Y, o todo/possuidor; ou ainda, segundo a posição de Fraurud (1996), X é ontologicamente considerada uma categoria funcional, isto é, usualmente concebida em *relação* a outras entidades ou elementos - sua âncora (Y na fórmula acima)¹⁵. Considere-se a passagem abaixo:

¹⁴ Martelotta et alii (1996, p.57). Destaques nossos.

¹⁵ Essa relação funcional poderia ser nomeada como hiponímica.

*No que diz respeito a nomes e conceitos em geral, [...] a relacionalidade poderia ser descrita como parte de um conhecimento léxico-enciclopédico associado ao nome ou conceito – refletindo, assim, um aspecto importante da nossa estruturação do mundo, i.e., até que ponto as entidades denotadas por esses nomes são tipicamente concebidas em relação a outras entidades.*¹⁶

Ora, nesses casos, o foco de atenção dos locutores recai, principalmente, sobre a *parte*, núcleo do SN sujeito, e não sobre o *todo*, representado pelo SPREP genitivo. A concordância verbal, que se dá com o núcleo, é evidência para essa análise, haja vista exemplos como:

(16) Os dentes da Sarinha estão nascendo.

Logo, esse tipo de construção focaliza *a coisa possuída*, que se destaca em *close* na tela, enquanto o *possuidor* fica em segundo plano (*background*), numa posição periférica.

Com relação, no entanto, aos dados de (4) a (7), os efeitos de sentido são outros. Através de um recurso de desconstrução metonímica de sintagmas mais ou menos enraizados em nosso sistema conceptual, verifica-se que, nesses dados, a posição de sujeito é preenchida pelo SN que representa o *todo*, o *possuidor* (Y na fórmula acima), enquanto a *parte*, a “*coisa*” *possuída* (X), é deslocada para a posição de objeto.

Como conseqüência da atuação do processo metonímico em tais formações, o *todo* é “promovido” a participante principal da sentença, enquanto a *parte* é “rebaixada” para a posição de tópico secundário.¹⁷ Assim, o *todo*, iluminado em *foreground*, se torna o centro principal de referência, adquirindo uma saliência discursiva sintonizada com sua sali-

¹⁶ As regards nouns and concepts in general, [...] relationality could be described as part of a lexico-encyclopaedic knowledge associated with the noun or concept - reflecting one important aspect of our structuring of the world, viz., *the degree to which the entities denoted by these nouns are typically conceived of in relation to other entities*. Fraurud (1996, p.71). Destaque nosso.

¹⁷ Cf. Givón (1995) para a noção de escala de topicalidade.

ência intrínseca.¹⁸ Por sua vez, nesse jogo de cenas, a parte passa a ter papel subsidiário, em *background*. Ainda em outras palavras: a construção em destaque representa uma outra perspectiva sob a qual as relações todo/parte, possuidor/possuído são apresentadas. Nela, a estruturação sintática revela a maior proeminência discursiva dada ao todo/possuidor, e um certo obscurecimento da relevância da parte/”coisa possuída”, cuja menção interessa na medida em que integra, com o verbo, a predicação feita do todo/possuidor. Desse modo, a manipulação sintática observada nas construções em apreço, a qual altera a valência do verbo, que passa a ser saturado, em (4) a (7), por dois argumentos distintos, ainda que relacionados via metonímia conceitual e inferência pragmática, tem como efeito a alteração do foco informacional. Logo, reiterando o que dissemos mais acima, os enunciados de (4) a (7) e os de (12) a (15) não são intercambiáveis na comunicação.

Com referência à questão da Estrutura Argumental Preferida, anteriormente mencionada, verifica-se que os enunciados de (4) a (7) violam a restrição de um só SN lexical por oração, sendo S ou O as posições canônicas para tal SN. Todavia, sob o prisma pragmático, respeitam a tendência de que, em A (sujeito de estruturas S-V-O), o referente seja dado. Considerando-se, pois, que diferentes motivações podem estar em jogo no momento da “escolha dos preenchimentos” da arquitetura frasal, constata-se que a necessidade de se colocar em cena (*staging*) um referente motiva o uso do A lexical nesses casos. Ou seja: esta posição é explorada para tornar esse referente mais saliente na comunicação.¹⁹

Síntese final

As construções examinadas neste texto fornecem evidência empírica para alguns princípios cognitivo-funcionais, dentre os quais se destacam:

¹⁸ Para essa distinção entre saliência intrínseca e discursiva, consulte-se, dentre outros, Du Bois (1980) e Fraurud (1996).

¹⁹ Uma interpretação semelhante à proposta aqui pode ser encontrada em Langacker (1993, 1999) em que o autor considera as diferentes “zonas ativas” de um esquema que podem ser colocadas sob foco através do processo metonímico.

- O princípio de que a língua é flexível, adaptando-se às necessidades sócio-comunicativas e cognitivas de seus usuários. Nesse processo de adaptação, novas construções emergem, muitas das quais demonstram a atuação do princípio da construção do novo a partir da exploração de recursos já conhecidos. Com o uso freqüente, acabam se enraizando e passando a fazer parte do sistema lingüístico. Com base nas palavras de Du Bois (2003), podemos afirmar, então, que este estudo ilustra “o modo através do qual a fala dá forma à gramática, assim como a gramática dá forma à fala”.²⁰
- Construções como as analisadas atestam a atuação de um processo de natureza metonímica na organização gramatical da língua, em que uma das facetas de um esquema é colocada sob foco no processo comunicativo, sem entretanto perder sua relação de pertinência em relação a esse esquema.
- Sob o prisma pragmático-discursivo, é inadequado descrever uma construção como correspondente à outra, uma vez que cada uma tem um papel a desempenhar na comunicação, não sendo, pois, intercambiáveis.
- Emerge a necessidade de se estudar tais construções em seu contexto discursivo no uso da linguagem, de forma a que se possa detectar com mais clareza a sua funcionalidade na construção discursiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within Cognitive Linguistics: an update. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Org.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002. p. 207-277.

²⁰ “(H)ow talk shapes grammar as much as grammar shapes talk”. Du Bois (2003, p.52).

CABRERA, Juan C. Moreno. On the relationships between grammaticalization and lexicalization. In: RAMAT, Anna G.; HOPPER, Paul J. (Org.). *The limits of grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1998. p. 211-228.

DU BOIS, John W. The discourse basis of ergativity. *Language*, Baltimore, v. 63, p. 805-855, 1987.

DU BOIS, John W. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (Org.). *The new psychology of language; cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah, London: Lawrence Erlbaum, 2003. v. 2, p. 47-87.

FILLMORE, Charles J. Frame semantics and the nature of language. In *Annals of the New York Academy of Sciences: Conference on the Origin and Development of Language and Speech*, . 1976. vol. 280, p. 20-32.

FRAURUD, Kari. Cognitive ontology and NP form. In: FRETHEIM, Thorstein; GUNDEL, Jeanette K. (Org.). *Reference and referent accessibility*. Amsterdam: John Benjamins, 1996. p. 65-88.

GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. From cognition to grammar: evidence from African languages. In: HEINE, Bernd; TRAUGOTT, Elizabeth. C. (Org.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 149-188.

LAKOFF, George. *Women, Fire and Dangerous Things. What Categories Reveal About the Mind*. Chicago: Chicago University Press. 1987.

LAKOFF, George. *The contemporary theory of metaphor*. In: ORTONY, A. (Org.). *Metaphor and thought*. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 1993. p. 205-251.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. Reference-point constructions. *Cognitive Linguistics*, v. 4, p. 1-38, 1993.

LANGACKER, Ronald W. *Grammar and conceptualization*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

LOPES, Edward. *Metáfora; da retórica à semiótica*. São Paulo: Atual, 1986.

LUCAS, Rosana. A complementaridade entre as metáforas e as metonímias. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 1986. (Manuscrito).

MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura. O paradigma da gramaticalização. In: MARTELOTTA, Mário E.; VOTRE, Sebastião J.; CEZARIO, Maria Maura (Org.). *Gramaticalização no português do Brasil; uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 45-76.

PANTHER, Klaus-Uwe; THORNBURG, Linda. The role of conceptual metonymy in meaning construction. *Metaphoric.de*. 6, p. 91-116. 2004.

PONTES, Eunice. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Pontes, 1987.

RADDEN, Günter. How metonymic are metaphors? In: BARCELONA, Antonio (Org.). *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000. p. 93-108.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. A concordância verbal em estruturas com SN complexo no português: um caso de interferência de fatores metonímicos e metafóricos. In: PONTES, Eunice (Org.). *A metáfora*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 91-114.

Resumo:

O português brasileiro coloquial (PBC) apresenta algumas construções de forma [SN V SN] que parecem ser relacionadas a estruturas com a forma [[SN [de SN]] V], de uso mais geral. Exemplos ilustrativos desse fenômeno podem ser vistos abaixo:

1. (a) A Belina deita o banco, sabe? (PBC)
(b) O banco da Belina deita, sabe?

No par de exemplos, temos padrões construcionais para os quais poder-se-ia propor que o elemento modificador de um argumento sujeito, em estruturas do tipo de 1(b) - [[SN₁ [de SN₂]] V], no PBP é alçado à função de sujeito com a demissão do elemento modificado à função de objeto. Assim terá-

amos [SN₂ V SN₁] no PBC. Neste artigo, argumentamos que o estatuto da mudança argumental ilustrada é decorrente de um processo metonímico através do qual a relação inicial *parte* (figura)-*todo* (fundo) é invertida, havendo alçamento do elemento nominal com saliência conceptual (*todo*) à função gramatical de sujeito da oração. Tal proposta demonstra a relevância da exploração de processos metafóricos e metonímicos na constituição da gramática de uma língua, confirmando o papel motivacional de processos cognitivo-conceptuais na emergência de novas construções gramaticais.

Abstract:

Colloquial Brazilian Portuguese presents some constructions carrying the form [NP V NP], which seem to be related to structures carrying the form [[NP [of NP]] V], which have more general usage. Some illustrative examples of the phenomenon mentioned are presented below:

1. (a) A Belina deita o banco, sabe? (BCP)
The Belina stretches the seat, you know
The Belina seat stretches, you know.
- (b) O banco da Belina deita, sabe?
The seat of-the Belina stretches, you know
The Belina seat stretches, you know.

In the pair of examples above it would be reasonable to propose that the PrepP, modifier of the N in subject position in 1(b) is promoted to subject position while the modified element N is demoted to object position as in 1(a). In this paper we argue that the argument structure change observed is due to a metonymic process through which the original part-whole relation is inverted, resulting in the promotion of the nominal element with conceptual saliency (whole) to subject func-

tion. Our proposal suggests the relevance of exploring metaphorical and metonymic processes in the constitution of grammar. This confirms the motivational role that cognitive-conceptual processes have in the emergence of new grammatical constructions.

Palavras-chave: alçamento argumental; deslocamento metonímico; valência verbal.

Key-words: argument promotion, metonymic dislocation, verbal valency.